

# Uma idéia da poesia hoje

A poesia, como, de resto, as outras artes, parece estar enfrentando um momento dramático e ao mesmo tempo delicado. Um momento em que sua própria existência, enquanto manifestação do pensamento do homem crítico, do homem sensível diante do mundo e das coisas, parece estar em jogo, parece estar ameaçada. Não seria uma ameaça de extinção total, coisa absurda e improvável, já que o homem, a nosso ver, jamais deixará de possuir uma dimensão lúdica, ou seja, poética em todos os sentidos possíveis. Aqui, vale lembrar aquela bela observação de Oswald de Andrade, quando abordou esta “constante lúdica” do homem, em sua tese “A Crise da Filosofia Messiânica”: “O homem é o animal que vive entre dois grandes brinquedos - o Amor onde ganha, a Morte onde perde. Por isso inventou as artes plásticas, a poesia, a dança, a música, o teatro, o circo e enfim o cinema” (1). O que parece estar em questão é a

**CARLOS ÀVILA** é poeta e jornalista. Autor de *Aqui e Agora* (Edições Dubolso) e *Sinal de Menos* (Tipografia do Fundo de Ouro Preto).

<sup>1</sup> Oswald de Andrade, *Do Pau Brasil à Antropofagia e às Utopias*. (Manifestos, teses de concursos e ensaios). Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1972. p. 126.

existência da poesia, esta arte integral da palavra, enquanto força semântica capaz de detonar significados novos, formas novas do “dizer” que interfiram no mundo real procurando despertá-lo de seu automatismo, cada vez mais acelerado via tecnologia. O que parece grave é a possibilidade de uma meia-existência da poesia (e, conseqüentemente, de outras artes), uma existência esvaziada, desvitalizada, onde o artesanato da palavra transforma-se numa espécie de adorno, inserindo-se, forçosamente, entre os objetos de consumo descartáveis que abarrotam nossos dias. Não se trata de questionar a existência do poema enquanto “produto” num mundo cada vez mais orientado pela diretriz mercadológica que influencia e perpassa todas as nossas atividades criativas. Este é outro problema e diz respeito à relação tensa e conflitante do texto poético com a sociedade de consumo (2). A questão deve ir a níveis mais profundos que dizem respeito à própria linguagem, aos signos que utilizamos hoje e que se encontram saturados, banalizados, desgastados ao extremo para possibilitarem a detonação de significados novos, como já afirmamos.

O poeta ou o escritor consciente que se defronta em seu trabalho com a materialidade da linguagem, manipulando os signos na busca da construção de uma estrutura sensível, convive hoje, obrigatoriamente, com a saturação e o esgotamento, com uma tendência geral no sentido da entropia. A fusão (e a confusão) das várias linguagens verbais ou não-verbais aponta, pelo menos num primeiro momento de sua expansão, para a indiferenciação e homogeneização. A exposição forçada à guerra e à paz entre as múltiplas linguagens produz efeitos positivos ou negativos?

Ítalo Calvino, em *Seis Propostas para o Próximo Milênio* (livro fundamental e, de saída, já uma clássica e aguda reflexão sobre a literatura e sua crise neste fim de século), levanta a hipótese da ocorrência de uma epidemia sígnica ou, como ele mesmo a nomeia, uma “peste da linguagem”, uma dramática “perda de força cognoscitiva e de imediatividade, como um automatismo que tendesse a nivelar a expressão em fórmulas mais genéricas, anônimas, abstratas, a diluir os significados, a embotar os pontos expressivos, e extinguir toda centelha que crepita no encontro das palavras com novas circuns-

tâncias” (3). Sem indagar as origens de tal epidemia, apenas constatando-a, Calvino interessa-se mesmo é pela possibilidade de superação do problema, ou seja, em encontrar o caminho ou a forma de reverter uma situação que, cada vez mais, parece agravar-se e transformar-se num “flagelo lingüístico” sem saída. O poeta das “cidades invisíveis”, o grande escritor de textos sutis e concentrados, assume uma atitude lúcida e positiva frente ao problema, busca uma saída diante da degenerescência da linguagem em nossos dias: “[...] a única defesa que consigo imaginar: uma idéia da literatura”. Ou, no nosso caso aqui, uma idéia da poesia, mais especificamente. O momento impõe a procura de idéias e de projetos alternativos, a necessidade de pensamento poético em profundidade. As saídas têm que ser buscadas, cada qual deve descobrir a sua.

Calvino constata também uma “perda de forma” nos dias atuais, uma paisagem humana e material caótica que só sua idéia de exatidão, de linguagem precisa e concentrada poderia “ordenar”, criando eixos de referência necessários à compreensão, recuperando assim o *significado* no seu grau mais profundo. Isso nos conduz à essência do poético, à síntese da síntese que o poeta busca, trazendo à baila o famoso verso-proposta de Mallarmé: “*Donner un sens plus pur aux mots de la tribu*” (4). Seria este ainda o caminho, filtrar todo o excesso lingüístico ambiente e procurar dar um sentido mais puro às palavras da tribo, das massas de hoje? No seu texto Calvino assinala uma linguagem poética da exatidão, cita Baudelaire, Poe, Mallarmé e chega a Valéry (“a personalidade que em nosso século melhor definiu a poesia como tensão para a exatidão” (5)), William Carlos Williams, Marianne Moore, Eugenio Montale e Francis Ponge. Trata-se da tradição do rigor poético, no seu nível mais alto e exigente. No caso brasileiro, poderíamos lembrar aqui a obra de um João Cabral de Melo Neto, por exemplo, cuja linguagem poética tensionada ao extremo, econômica e direta, insere-se também naquela tradição do rigor; ou ainda as invenções concretas de um Haroldo de Campos, ele próprio tradutor, ou melhor, “transcriador” de alguns dos autores citados acima.

Uma idéia da poesia que se contrapõe ao caos lingüístico, à banalização sígnica,

2 Carlos Àvila, “Poesia e Sociedade de Consumo”. Neste trabalho, apresentado no seminário “A Palavra Poética na América Latina: Avaliação de uma Geração” (realizado no Memorial da América Latina, em São Paulo, nos dias 5, 6 e 7 de dezembro de 1990), abordamos a relação de conflito da poesia com o mercado e a mídia.

3 Ítalo Calvino, *Seis Propostas para o Próximo Milênio*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991, pp. 72-3.

4 Stéphane Mallarmé, *Poésies*. Paris, Gallimard, 1949, p. 129 (“Le Tombeau D’Edgar Poe”). O poema tem em português uma bela tradução de Augusto de Campos, “A Tumba de Edgar Poe”, no volume *Mallarmé* (São Paulo, Perspectiva, 1975, p. 67).

5 Ítalo Calvino, op. cit., p. 81.

passa, portanto, pela questão do rigor, da construção racional, tijolo por tijolo - ou melhor, palavra por palavra - do texto. Mas esse procedimento formal, imprescindível à boa fatura poética, garantiria por si só a detonação de novos significados que recuperariam a expressão no seu grau mais profundo? Faz-se necessária hoje uma “ressemantização” da poesia, um recarregamento do sentido, uma redescoberta do “dizer”. Estamos diante de um mundo em acelerada transformação, às portas do novo milênio, o que alimenta a expectativa e o temor, simultaneamente. Este parece ser um momento inédito em que o poeta e sua arte passam por um verdadeiro teste de sobrevivência, em meio a pressões de todo tipo que estão conduzindo a uma possível *nova ordem semântica*, paralela à nova ordem político-econômica mundial. “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades...” (6) Nosso tempo pede uma palavra nova, mas onde poderá o poeta encontrá-la? Atravessamos um período de transição em que mais do que nunca ganha força a noção formulada em um aforismo por Wallace Stevens de que “toda poesia é poesia experimental” (7). Vive-se hoje uma experiência única, a linguagem poética deve responder a mais este desafio buscando e criando novos significados, revitalizando-se semanticamente. O que está em questão é o resultado final do processo estético dentro do processo geral da vida hoje, ou seja, a presença da poesia no contexto da realidade atual, sua configuração enquanto força criadora capaz de realizar uma operação crítica incisiva. Compete ao poeta, frente ao leque de linguagens que se apresenta diante dele, experimentar na direção do novo, descobrir anticorpos para resistir à “peste da linguagem” denunciada por Calvino. Uma poesia desvitalizada, que se reveste de ornamentos e adornos, está apenas adiando o confronto com a epidemia sígnica e sua erradicação, se isso é possível. Talvez a poesia não tenha mais o poder de reverter o “flagelo lingüístico” mas não pode se conformar a uma meia-existência, sem rigor e sem vontade crítica. Experimentar, sondar novas abordagens do real (até mesmo para superá-lo), buscar o não-dito e não o encontrando procurar uma forma nova de dizer o já dito... Através desse processo, essencialmente poético e experi-

mental, o *texto* transforma-se em *teste*, tessitura sobre os quatro elementos, textura urdida pelo sexto sentido:

“Ar texto  
 água texto  
 terra texto  
 fogo texto  
 com texto  
 no  
 universo  
 contexto” (8).

Cada poema autêntico é como o recomeçar do zero, é a exposição do poeta a uma nova experiência, inédita, cujos resultados são imprevisíveis. O texto é um teste, uma prova de fogo diante da linguagem. A dificuldade torna-se, portanto, maior, neste sentido, já que o poeta vem operando com um universo lingüístico cada vez mais saturado. Daí a necessidade premente de uma “ressemantização” da poesia. Torna-se presente a idéia (uma idéia da poesia hoje) de que a busca de novos significados possa engendrar formas novas capazes de responder criativamente à palavra banalizada atual. Não se advoga aqui o mero conteudismo ou uma impossível dicotomia de “fundo” e forma. O significado nasce no signo: ao operar uma transformação semântica no seu texto o poeta faz com que as palavras (as mesmas velhas e gastas palavras da tribo) soem como se nunca houvessem sido ditas antes. Redescobre-se assim um elemento de leitura imprevista, inesperado e transgressor. A *diferença* que regenera semanticamente a poesia. Ultrapassam-se os limites homogeneizadores, instala-se a *pluripalavra* do poeta. Através desse processo, recuperador do sentido estrutural e da tradição do rigor, mantém-se viva a possibilidade daquela centelha identificada por Calvino “que crepita no encontro das palavras com novas circunstâncias”.

Cabe ao poeta fazer uma opção: continuar passivamente a escrever sem se preocupar com a utilização de uma linguagem saturada, banalizada e desgastada ao extremo - “uma peste”, segundo Calvino - ou procurar o possível caminho da “ressemantização” poética através de um olhar crítico, distanciado e diferenciado da paisagem caótica dos dias atuais.

6 Luís de Camões, *Obras Completas*. (Com prefácio e notas do Prof. Hernani Cidade) vol. 1 - Redondilhas e Sonetos, Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, s/data, p. 305.

7 Wallace Stevens, *Adagia*. (Texto bilingüe - *Versión castellana y prólogo de Marcelo Cohen*) Barcelona, Ediciones Península/Edicions 62, 1987, pp. 23-51. No original: “All Poetry is Experimental Poetry”.

8 Murilo Mendes, *Convergência*, São Paulo, Duas Cidades, 1970, p. 120. (“Murilograma a Heráclito de Éfeso”).